

A LOUCURA DIONISÍACA E SEU CARÁTER CATÁRTICO.

Aluna: Marcela Sperandio Rosa

Orientadora: Miriam Sutter

1.1. Introdução

Desde o início de nossa vida escolar, sempre que citada a Grécia Antiga, ouvimos de nossos professores o quanto devemos a ela, nós ocidentais e toda a nossa ciência e filosofia ocidentais; pois lá, por volta do séc V a.C., aconteceu um milagre: fomos libertados da obscuridade, nos descobrimos um ser que acima de tudo é racional; um ser que pela observação da natureza e de todo um mundo que o cerca, investiga e procura a verdade das coisas. Já sabemos que os gregos fizeram o “milagre das luzes”, elevando ao posto mais alto a razão, e que esta atitude, a atitude da razão, influenciaria toda a história do Ocidente. Mas como os gregos, antes e depois do milagre, lidavam com os acontecimentos que envolviam o homem e que eram de todo inexplicáveis? Como os gregos olhavam para as atitudes insanas de outros homens que sempre apresentaram um comportamento adequado, ou para aqueles que perdiam definitivamente a razão?

1.2. Proposição

O que investigaremos nesta pesquisa é de que forma os gregos explicavam os fenômenos da *psyché* humana que não condizem com esta postura racional e que hoje chamamos genericamente de loucura. Que fenômenos eram estes? Que lugar ocupavam no imaginário do homem grego antigo? Daremos ênfase ao tipo de loucura ritualística associada ao deus Dioniso. Que tipo de efeito o “acontecimento” dionisíaco - desde sua remota origem na dança das bacantes, até a vida na *polis*, onde com o teatro se tornou um dever do cidadão - provocaria no homem grego? Qual seria a função e importância dada à loucura ritualística pelo pensamento grego para a vida em sociedade? A loucura ritualística-dionisíaca possuiria um caráter catártico? O que teria levado Platão a dizer, no diálogo *Fedro*, que este tipo de loucura é uma das loucuras do “tipo” divino? De que maneira a loucura estaria associada ao divino na visão de Platão? Existiriam para ele loucuras sagradas e loucuras profanas?

Após 2.500 anos o homem ocidental ainda se relaciona com estes fenômenos do irracional do mesmo jeito? De que maneira o mundo contemporâneo vê as manifestações da *psyché* humana que não condizem com a postura racional? Quais seriam as diferenças e semelhanças no tratamento que o homem contemporâneo dá à loucura em relação ao que lhe davam os gregos?

1.3 Metodologia

Para respondermos a tais perguntas analisaremos aspectos da experiência religiosa e filosófica gregas. A pesquisa segue o método qualitativo. Por meio da leitura crítica de textos literários, filosóficos, históricos e críticos, da análise de conteúdos, da descrição dos fenômenos, a pesquisa busca objetivá-los, descrevê-los, avaliá-los em sua complexidade e classificá-los em suas relações dialéticas com a atualidade.

1.4 Conclusões

As manifestações do irracional na Grécia antiga estão associadas à vontade dos deuses e suas intervenções na vida dos homens. Conceitos tais como *áte*, *thymós* e *daimón* são vistos como intervenções psíquicas, como se agentes externos governassem o corpo e a mente de uma pessoa. Tais conceitos seriam apropriados pela filosofia com o nome de paixão. A loucura dionisiaca promove através do êxtase a dissolução do indivíduo racional e o alívio das tensões e neuroses causadas pela individuação que é mera aparência do Uno-Primordial. A loucura na modernidade assume o caráter de doença mental-física-moral e passa a ser tratada no âmbito da medicina e do Estado, um mal a ser corrigido e erradicado da sociedade.

1.5. Bibliografia Básica

_ DODDS, E. R. *Os Gregos e O Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo. Escuta, 2002.

_ FOULCAULT, Michel. *A História da Loucura Na Idade Clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo. Perspectiva, 2007.

_ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo. Companhia das Letras, 1992

1.5.1. Bibliografia Suplementar

_ HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Coleção Jóias da Literatura Universal.

_ KERÉNYI, Carl. *Dioniso. Imagem arquetípica da vida indestrutível*. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo. Odysseus, 2002.

_ NIETZSCHE, Friedrich. *A Origem da Tragédia*. São Paulo. Editora Moraes, 1984.
_ *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Coleção Jóias da Literatura Universal.

_ ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

_ PLATO. *Phaedrus*. Translated by W. C. Helmbold and W. G. Rabinowitz.

Indianapolis: BOBBS-MERRILL EDUCATIONAL PUBLISHING, 1983.

_ ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo. Editora Cultrix. 2005.